



III SRCCC

Seminário Regional
Comércio, Consumo e Cultura
nas cidades

Sobral-CE, 19 a 22 de junho de 2017

MIGRAÇÃO E TRABALHO: O COMÉRCIO COMO FORMA DE INSERÇÃO DE MIGRANTES NOS BAIROS SEMINÁRIO E VILA ALTA EM CRATO/CE

José Eudivan Alves da Silva¹

Tallison Rocha Lima²

Maria Soares da Cunha³

José Itallo Silva Ribeiro⁴

RESUMO

O presente estudo se volta a discutir o processo de inserção de migrantes no setor de comércio nos bairros Vila Alta e Seminário em Crato-CE. Fundamenta-se numa abordagem qualitativa e descritiva e embasa-se teoricamente em Becker (1997), Singer (1998), Pintaudi (2009), Diniz (2011), entre outros. O aporte metodológico é pautado em levantamento bibliográfico, trabalho de campo e discussão dos dados. As questões norteadoras são: a atividade comercial se apresenta com papel importante no processo de inserção de migrantes na dinâmica intraurbana? De que forma os sujeitos migrantes contribuem para o processo de produção e transformação deste espaço, tomando-se o Crato como recorte empírico. Na etapa de campo foi realizada aplicação de entrevistas semi-estruturadas, coletando-se informações junto a doze migrantes nos recortes espaciais escolhidos no período compreendido entre dezembro de 2016 a fevereiro de 2017. Os resultados apontam para um expressivo número de mulheres comerciantes entre os informantes e a diversidade de elementos explicativos para a chegada e atuação de migrantes nesse setor nos dois bairros estudados. Os migrantes são protagonistas de uma história e denotam ligações a um contexto econômico geral e específico. Não devem ser concebidos como entes individualizados e ahistóricos. Estes sujeitos contribuem na produção do espaço urbano cratense e no comércio local e regional. O processo de sua inserção na dinâmica intraurbana merece ser estudado de forma cuidadosa pela ciência geográfica.

Palavras-chave: Migrantes. Dinâmica intraurbana. Bairros Vila Alta e Seminário- Crato/CE.

1. INTRODUÇÃO

O estudo da dinâmica populacional e sua relação com o espaço geográfico em diferentes escalas (planetária, nacional, regional, local) se mostra como importante componente para as investigações das Ciências Humanas. Relações sociais, dimensões político-culturais e econômicas na relação migração e espaço emergem como campos de abordagem. O ato de migrar não está ligado

¹Graduado em geografia pela Universidade Regional do Cariri- URCA email:alveseudivan11@yahoo.com.br

²Graduando em geografia pela Universidade Regional do Cariri- URCA email:tallisonrocha@hotmail.com

³Prof. Dra em geografia da Universidade Regional do Cariri- URCA email:maria.soares@urca.br

⁴Graduando em geografia pela Universidade Regional do Cariri- URCA email:ribeiro_itallo@yahoo.com

somente ao fixar-se em locais, mas também a interação entre sujeitos que (re) produzem estes espaços.

Para adentrar no debate migração e comércio, este trabalho tem por finalidade imergir no referencial teórico que relaciona as duas temáticas e aproveita para discutir informações coletadas junto a migrantes que ao longo das décadas elegeram os bairros Seminário e Vila Alta em Crato/CE como seus locais de moradia e trabalho. Prioriza-se aqui o comércio como principal fonte de renda do sujeito que migrou. Foi imprescindível a revisão de literatura dos estudos populacionais, sobre comércio e espaço, bem como as etapas exploratórias no campo, coleta e análise dos dados obtidos em entrevistas individuais. Pretendemos aqui, expor e discutir alguns dados coletados nas entrevistas de aprofundamento, realizadas no período de dezembro de 2016 a fevereiro de 2017. Foram aplicadas 12 entrevistas nos dois bairros que se destacam na cidade de Crato pelo volume de residentes.

A investigação teórica e de campo foi realizada por dois pesquisadores que moram nos bairros em análise e por dois outros que residem em bairros diferentes do Crato e Juazeiro do Norte. Há em comum o interesse em pesquisar a dinâmica migratória em Crato/CE. Diante do exposto, houve a necessidade de discutir a relação entre migração e comércio nos bairros selecionados para a etapa empírica.

A revisão bibliográfica teve como base a consulta ao acervo bibliográfico disponibilizado em bibliotecas da Universidade Regional do Cariri – URCA, incluindo a do Laboratório de Ensino de Geografia – LEG, além de obras cedidas pela orientadora e artigos consultados na internet. Através dessa revisão buscamos confrontar ideias dos estudos sobre movimentos migratórios e comércio com a realidade empírica encontrada em campo.

Para este artigo o apoio veio de escritos de Olga Becker, Amélia Damiani, Rosa Rossini, Lincoln Diniz e Silvana Pintaui. O contato com a literatura produzida a respeito da temática iniciou-se no ano de 2016. Também foram importantes: artigos da Revista Travessia do Centro de Estudos Migratórios – CEM, que ajudam no entendimento das profundas relações dos migrantes com os espaços de seus deslocamentos. Quanto a abordagem qualitativa buscamos as referências em artigos do livro: Pesquisa qualitativa em Geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas (2013) e no artigo: O trabalho de campo como descoberta e criação (2002).

Um dos grandes desafios metodológicos foi: como localizar migrantes que exercem algum tipo de atividade comercial. A estratégia escolhida foi desenvolver levantamento exploratório nos dois bairros analisados para depois localizar proprietários e verificar se são migrantes ou não. Em 2017 teve início o levantamento exploratório, feito nos bairros Seminário e Vila Alta em Crato Ceará.

Além desta introdução este artigo é contemplado por mais três seções. Na segunda apresentamos os caminhos metodológicos, seguida pela breve discussão da literatura sobre as

migrações no Brasil e sobre os estudos do comércio sobre o espaço urbano, e na quarta serão analisados os relatos dos migrantes procurando confrontar com as teorias estudadas.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A proposta de investigação caracterizou-se num estudo da mobilidade populacional e sua relação com o setor de comércio, precisamente, a partir de perguntas direcionadas a migrantes que elegeram dois bairros povoados: Seminário e Vila Alta, localizados no Nordeste da cidade de Crato/CE. Nestes, residem os dois dos três estudantes/autores deste trabalho. A elaboração deste trabalho cumpriu os seguintes momentos: encontros semanais para planejar ações e leituras, visitas aos bairros de estudo, aplicação de entrevistas de aprofundamento com os sujeitos e apreciações dos dados obtidos.

Semanalmente a partir do mês de dezembro de 2016, os encontros no laboratório de Ensino de Geografia – LEG, entre os pesquisadores estudantes e a professora orientadora foram se definindo com o propósito de traçar metas para iniciar as abordagens com os migrantes, leituras para aporte conceitual sobre mobilidade e comércio em diversos textos, sites e blogs e a entrada no campo. Apoiados nas leituras e anotações do caderno de campo, a construção do referido artigo ia ganhando corpo. Teoria e levantamento empírico foram alicerces importantes. Tomemos como base a reflexão de Silva e Mendes (2013, p.209): “Assim, a teoria é o caminho para conhecer e compreender os sujeitos, o contexto e suas representações. Por conseguinte, a pesquisa empírica surge como uma necessidade de avaliar a aplicação das proposições teórico-metodológicas recentes nas condições reais de estudo.”

No intuito de coletar informações qualitativas, elegemos as entrevistas individuais que foram aplicadas pelos pesquisadores nos dois primeiros meses do ano de 2017. Em sociedade, as relações de trabalhos e práticas cotidianas ajudam a preencher os trajetos de vida daqueles que oralizam suas histórias. Nisto, concordamos com Gaskell (2002, p. 65) quando afirma que a entrevista qualitativa serve para interpretarmos e compreendermos as narrativas dos respondentes de modo mais aprofundado, complementando-as com observação e outros tipos de técnicas. Ainda para o autor, “[...] a entrevista qualitativa, pois, fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação”. Escolhemos a entrevista na modalidade semiestruturada. Colognese e Melo (1998 apud SILVA; MENDES, 2013, p. 213) conceituam entrevista como uma “conversação interesseira” com objetivo de analisar os relatos dos sujeitos. Dessa forma, foram delineadas as perguntas sob a ótica da migração e trabalho (ênfase no comércio), visando reunir informações dos entrevistados em um caderno de campo, usado para registros e análises.

Munidos de cadernos de campo, as entrevistas eram desdobradas no momento que estes indivíduos eram localizados e mostravam disponibilidade. Alguns dos questionamentos fizeram-se

pertinentes, tais como: a) você veio de qual município/Estado na federação? b) que tipo de atividade você exercia no seu antigo local de moradia? c) veio com expectativa de trabalhar em que? d) que motivo te fez escolher a cidade de Crato como seu novo local de moradia e de trabalho? Consideramos ainda, a liberdade dos entrevistados em aprofundar suas respostas ou ampliá-las no sentido de enriquecer nossas anotações e averiguações.

Quanto ao percurso percorrido pelos pesquisadores, estrategicamente foram escolhidos em diversos lugares dos bairros onde era possível encontrar nosso objeto de análise: avenidas comerciais, espaços de lazer e residências onde situavam pontos de comércio. Vale destacar que foi levado em consideração o quesito “tempo de fixação” apenas para esclarecimento qualitativo em relação ao trabalho e experiências em seu atual local de vivência. Sob esta ideia, procurou-se ouvir migrantes que se fixaram nestes bairros em diferentes anos, assim soma-se à pesquisa mais informações e conseqüentemente maiores possibilidades de análises qualitativas.

As entrevistas desenvolveram-se mediante anuência dos comerciantes. Constatadas as evidências que ligavam os objetivos deste trabalho às características dos informantes, as conversações foram se definindo. Foram entrevistadas doze pessoas, sendo oito do sexo feminino e quatro do sexo masculino. Todos em faixas etárias diversas e oriundos de diferentes municípios do Ceará e unidades da federação. As visitas foram planejadas e a execução das entrevistas realizadas com muita atenção, visto que nestas práticas, novas oportunidades podem surgir, permitindo melhor conhecer as realidades dos sujeitos informantes. Souza e Pêsoa (2013, p.176) mostram-nos: “[...] o campo deve ser considerado, acima de tudo, um processo, e não uma simples busca de informações e dados sobre a realidade que se deseja investigar.” E Silva e Mendes (2013, p. 211) nos alertam que:

O empírico deve promover contato entre o pesquisador e os sujeitos, ou seja, a análise voltada às tendências de interpretações que os pesquisadores promovem do mundo em movimento, orientados pelas determinações sociais de seu lugar. Esse procedimento implica a compreensão do vivido, o qual deriva dos atos práticos que as pessoas, a partir de suas organizações sociais, vão construindo no tempo e no espaço.

Evidentemente, o universo dos migrantes forneceu-nos ricos materiais que auxiliaram na compreensão da mobilidade populacional para este recorte urbano cratense, vistos que estes se apropriam da atividade comercial como forma de se manterem. Isto foi possível através dos contatos com estes e do empenho em anotar, verificar, estudar e sintetizar as múltiplas informações. E é deste conjunto que resulta o nosso trabalho.

Encerradas as entrevistas, as visitas ao campo e as análises dos dados obtidos, definimos encontros para materializar as ideias e observações de modo sistemático e sintético. O próximo tópico tratará de uma breve reflexão teórica do debate sobre migração e migrantes.

3. MIGRAÇÃO, MIGRANTES: BREVE DISCUSSÃO DOS ESTUDOS NO BRASIL

Os estudos sobre migração no Brasil (internacionais e internos) foram analisados até metade do século XX sobre aspectos descritivos e dualistas. Passadas décadas, as análises discorridas sobre o tema somadas ao reforço censitário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística pós 1940, estas mobilidades ganharam maiores atenções por partes dos pioneiros estudiosos tais como os demógrafos George Martine e Jean-Paul Singer a partir da metade do século XX. Deve-se a estes, os avanços nas análises mais compromissadas com os aspectos estruturais da mobilidade.

Revelam-se, dois aportes teóricos que por muito tempo fomentaram os estudos sobre fluxos migratórios sobre o espaço. Até os anos 1970 destacava-se a ótica neoclássica funcionalista privilegiando o migrante individualizado das relações que os cercavam. Depois as pesquisas adentram na linha de pensamento histórico-estruturalista, emergindo os conceitos de classes, que atreladas a causas sociais, econômicas e políticas, explicam os sujeitos que migram. Nesse último caso, pensa-se em sujeitos construtores e produtores da geografia e história. Assim, acredita-se nas decisões em migrar como uma resposta ao processo social, político e econômico. Nessa pesquisa, os migrantes são vistos como produtores e transformadores do espaço urbano em sua relação com a atividade econômica do comércio num dado recorte temporal.

O sujeito que migra é identificado nas teorias tradicionais do estudo da população como um ente individual. Na abordagem clássica “O migrante era medido pelo número, pelo tempo de permanência e pela relação entre eles e os naturais, definindo assim áreas de atração e repulsão da população”, alerta Rossini (1985, p 3). O migrante era genericamente caracterizado como independente das múltiplas relações que se estabelecem no espaço geográfico, que são socioeconômicas e político-culturais. Becker (1997) destaca a teoria neomarxista, que valoriza o capital como mote propulsor da migração, não mais para um indivíduo, mas sim, para grupos. Trata-se de um enfoque histórico-estrutural. Neste sentido, delineiam-se motivos políticos e econômicos conjunturais ou causas econômicas mais estruturais. Deixando-se em segundo plano as motivações ou perseguições das histórias particulares de quem migra. (DAMIANI, 1991, p.62).

Verificando as proposições sobre a dinâmica da migração interna no âmbito do desenvolvimento, encontram-se constatações teóricas que localizam as causas para os movimentos populacionais no pluralismo social. Agrega-se a este fator, um caráter basicamente econômico; neste contexto pertencente a um quadro histórico e condicionante de diversas classes. Num estudo sobre desenvolvimento e urbanização, Singer (1998, p.52) sustenta:

Se se admite que a migração interna é um processo social, deve-se supor que ele tenha causas estruturais que impelem determinados grupos a se pôr em movimento. Estas causas são quase sempre de fundo econômico – deslocamento de atividades

no espaço, crescimento diferencial da atividade em lugares distintos e assim por diante – e atingem os grupos que compõem a estrutura social do lugar de origem de um modo diferenciado.

Aquilo que para os estudiosos neoclássicos as decisões de migrar se baseavam nas tomadas individuais, racionais noutro ângulo, os defensores neomarxistas abrem o debate da problemática migratória como sendo impulsionada pelas decisões de grupos sócio-políticos e culturais. O campo de estudos da migração deve ter um trato não pelas meras descrições e quantificações, mas observadas como fruto de processos estruturalistas que envolvem indivíduos, grupos, tempos e espaços. A grosso modo, esta demanda populacional servirá por vezes para alimentar a reprodução do capital; considerando esta como força de trabalho. Segundo Rossini (1985, p.2), “[...] na realidade, a migração se constitui em um movimento ‘necessário’ ao desenvolvimento capitalista”.

Percebe-se que até o início dos anos 1980, duas fortes tendências corroboraram para a redistribuição da população no Brasil, sobretudo àquelas oriundas do campo para a cidade. Trata-se de uma ampliação nos tecidos fronteiriços interioranos. Permite-se nesta lógica pensar a crescente ocupação urbana em que as cidades iam exercendo progressivamente. Cunha (2004) destaca que na década de 1940 com a proximidade mercantil no Sul do país intensificou-se (migração rural-rural) que “[...] paralelamente, a população expulsa do campo iniciou a migração para as cidades.” Daí industrialização emerge como motor para possíveis ofertas de emprego nos setores: industrial, comercial e de serviços. Nas décadas seguintes, intensificaram-se o processo de urbanização e concentração de novas fronteiras interioranas.

Buscando responder sobre a definição de migrante, Goettert (2010, p 15) nos revela: aquele que parte e aquele que chega, sendo, no movimento da migração e entre lugares, o mesmo/outro, simultaneamente. Além desta definição utilizando a ação sobre espaços, Becker (1997, p. 342) afirma a partir da discussão neomarxista: “[...] migrantes são todos aqueles indivíduos que seguem os movimentos do capital sob a condição de força de trabalho assalariada, ou potencialmente assalariada.” Estes sujeitos produzem história e geografia nos espaços onde cruzam. Assim, cabe aos estudos populacionais; as análises de suas motivações, inserções e condições de trabalho num contexto local. É a esse desafio que nos propomos.

4 CONSIDERAÇÕES SOBRE COMÉRCIO NO ESPAÇO URBANO

De acordo com as discussões sobre migrantes e suas relações nos espaços geográficos, faz-se necessário entender como esses sujeitos atuam como trabalhadores no setor de comércio, ao tempo em que são inseridos e participam da dinâmica do espaço intraurbano. Nesse sentido, várias são as formas de integração dos mesmos. Aqui, vamos nos atentar a: como a atividade comercial se

apresenta no processo de inserção de migrantes? E a partir destas análises, entender de que forma os sujeitos migrantes contribuem para o processo de produção e transformação do espaço intraurbano?

De fato, desde seu princípio, o comércio se inseriu desempenhando um importante papel na estruturação da sociedade, principalmente no meio urbano. Pois é na cidade que o comércio encontra um lugar permanente, ligado principalmente ao grande aumento da população nos centros urbanos. Todos esses fatores propiciavam aos comerciantes condições favoráveis para desempenhar suas atividades. Na medida em que acontecia o avanço da técnica, dos meios de transporte e de comunicação, essas transações comerciais deixaram de possuir um caráter local e passaram para o âmbito global. Esse momento histórico teve grande influência dos processos de implementação e consolidação do capitalismo. A esse respeito Diniz (2011, p. 20) afirma que: “A cidade, deste modo, desempenhou e, ao mesmo tempo, possibilitou o desenvolvimento da atividade comercial, principalmente a partir do capitalismo, após o fim do período feudal, quando começam a ganhar importância as feiras comerciais embriões das futuras cidades comerciais.”

No Brasil, as primeiras constatações de centros comerciais datam do período colonial. No qual é possível perceber a forte influência das atividades comerciais para a formação das primeiras cidades por dois fatores, primeiro porque seus primeiros núcleos urbanos se encontravam dispostas no litoral, por serem áreas estratégicas no controle marítimo e para possíveis missões de penetração em direção ao interior do país. E segundo, as primeiras cidades da rede urbana brasileira surgiram também próximas aos engenhos, seringais e minas extração.

Diniz (2011 p. 20) ressalta que formação de inúmeros núcleos urbanos que nasceram e cresceram ao longo das rotas comerciais, dos grandes caminhos abertos pelo tráfego de mercadorias, que transitavam e penetravam o vasto interior das regiões em direção aos núcleos urbanos e as, suas praças de escambo onde eram realizadas as trocas, o comércio condicionou grandes transformações espaciais e determinou a conquista de novas terras. A relação comércio e espaço é uma linha de pesquisa importante que pretendemos ampliar nos estudos e em sua interação com a discussão do migrante que se insere e se fixa no novo espaço a partir da atividade comercial.

No tópico seguinte, procura-se desenvolver reflexões sobre os dados coletados em campo buscando-se fazer a interação entre a dinâmica do comércio conduzida por migrantes que moram ou trabalham em dois grandes bairros do distrito sede de Crato/CE: Seminário e Vila Alta.

5 DISCUSSÃO DOS DADOS EMPÍRICOS

Seguindo os percursos das principais ruas e avenidas dos bairros escolhidos, os comerciantes foram localizados em seus locais de trabalho. Muitos deles aliam local de moradia e comercialização nas residências e estabelecimentos visitados. O município do Crato segundo o Instituto Brasileiro de

Geografia e estatística – IBGE no Censo de 2010 possui população de 121.426 habitantes. O primeiro bairro corresponde a um quantitativo populacional de 12.859 habitantes seguido pela Vila Alta com 6.217 segundo o mesmo censo. Ambos estão localizados no Nordeste da cidade sede do município de Crato, no sul do Ceará.

Nos bairros Seminário e Vila Alta a maior concentração de pontos comerciais se localiza nos grandes arruamentos que ligam estes bairros às indústrias, ao centro comercial da sede municipal e aos municípios circunvizinhos. Estas redes facilitam a instalação de pontos comerciais, visto que estes ambientes são frequentemente visitados por diversas pessoas que por lá trafegam. Considerando suas motivações no processo de escolha do bairro Vila Alta, a migrante D. O. L. nos relata que “[...] foi por motivo também que os moradores daqui pediam para que se tivesse um comércio que vendesse água, gás... e daí fomos ampliando até fazer este mercadinho, é... foi pela necessidade deles”. Sobre os lugares de instalação dos pontos de comércio Pintaudi (2009, p. 2-3) fala que:

A localização do comércio se dá em função da clientela, e o esquema espacial se resume a um centro (local do comércio) e a uma zona que o envolve (local de clientela). Este esquema vai aparecer relevando a hierarquia estabelecida em diferentes escalas espaciais.

No Nordeste, as bodegas surgem como uma atividade comercial característica dessa região, emergindo quando as trocas comerciais ainda eram primitivas. As bodegas se localizavam inicialmente no entorno das feiras livres e possuíam grande importância para a economia e para o surgimento de muitas cidades interioranas. Diniz (2011, p. 22) alerta que: As bodegas definidas aqui como pequenos estabelecimentos comerciais populares são enquadradas como uma das várias atividades que compõem o denominado circuito inferior da economia urbana.

Na sociedade contemporânea é possível perceber que existe uma fragmentação do espaço urbano, com o intuito de atender diferentes segmentos sociais. Diante disso, faz-se necessário a compreensão do espaço de centralidade. Produtos e serviços que tradicionalmente eram apenas encontrados nos centros comerciais das cidades, são neste período de pesquisa instrumentos de trabalho da população migrante. São equipamentos tecnológicos, peças de vestuários e aparelhos eletrônicos vendidos numa das principais ruas do bairro Seminário. O informante de sexo masculino F.A.F.L. defende a opção de exercer a função no comércio desde sua saída em seu antigo local de moradia: Juazeiro do Norte/CE. Além do deslocamento populacional soma-se a este, as experiências no setor comercial. Face a esta discussão a senhora M. A.S.M., residente na Vila Alta reforça: “[...] passei por vários lugares, cidades e já vendi muito por aí sempre fui comerciante aí até hoje né.” Dos dados coletados, destacam-se cinco em termos de permanência de suas atividades comerciais. A mobilidade não apenas populacional como também da força de trabalho é um destaque. Por uma

questão de sobrevivência, Gaudemar (1977, p.190) discorre: “A mobilidade da força de trabalho é assim introduzida, em primeiro lugar, como condição de exercício da sua ‘liberdade’ de se deixar sujeitar ao capital, de se tornar a mercadoria cujo consumo criará o valor e assim produzirá o capital.”

Nas tomadas de decisões verbalizadas pelos entrevistados, observa-se variadas motivações declaradas: qualificações através de estudos, qualidade de vida e condições de moradia. Também aparece a repetição dos trajetos que seus familiares outrora realizaram. Acompanhar esposos, mulheres, pais e demais familiares são paulatinamente identificadas em diversas conversações. Ao adentrar nas histórias de vida desses sujeitos, as causas são mais detalhadas. Ao serem questionados pelas motivações que os levaram a deixar seus antigos locais de moradia, as migrantes ambas de zonas rurais declaram:

[...] assim... eu vim com meu marido. Era sítio lá. Ele arrumou uns serviços de pedreiro, e emprego por lá tava muito difícil naquela época (1987) e por isso resolvemos vir pro Crato... aí depois de um tempo nós abrimos um mercadinho e estamos vendendo essas coisas (alimentos, bebidas e perfumaria).(F. B. C. Vila Alta. Sexo feminino. Entrevista realizada em 26 de janeiro de 2017)

Meu tio já tinha vindo pra cá (Crato). E como eu já queria sair de lá pra estudar numa escola melhor porque até isso lá (Exu/PE) era muito ruim, era um banco pra comportar uns 5, 6 alunos. Aí esse meu tio já tinha um aqui né; eu pensei e resolvi vim pra estudar e investir neste aqui. (F. M. D. Vila Alta. Sexo feminino. Entrevista realizada em 26 de janeiro de 2017)

De acordo com essas afirmações, Singer (1998, p.53) nos expressa:

Convém sempre distinguir os motivos (individuais) para migrar das causas (estruturais). Os motivos se manifestam no quadro geral de condições socioeconômicas que induzem a migrar. [...] o que importa é não esquecer que a primeira determinação de quem vai e de quem fica é social ou, se se quiser, de classe. Dadas determinadas circunstâncias, uma classe social é posta em movimento. Num segundo momento, condições objetivas e subjetivas determinam que membros desta classe migrarão antes e quais ficarão para trás.

Concomitante a dinâmica estrutural da mobilidade, alimentam este fenômeno, as redes de parentes e amigos. Consideram-se as facilidades entre contatos nos grupos aos quais estes migrantes estão inseridos: amigos, familiares por exemplo. Costa (2001, p.25) expressa: “[...] acresce a estes aspectos o fato de que as redes de parentes e amigos, estabelecidas nas localidades de origem, atuam como pré-requisitos, entre migrantes, para fixação na cidade, facilitando a busca de moradia e de ocupações para os que chegam, com base em compromissos morais sedimentados pela proximidade dos laços afetivos”. Os entrevistados possuem características variadas no que se refere ao tempo de chegada no Crato/CE e também no que diz respeito a zona de origem dos migrantes, como mostra no Quadro 1.

Quadro 1
Migração nos Bairros Seminário e Vila Alta por década segundo os informantes (1970 a 2010)

Sexo	Década	1970	1980	1990	2000	2010
	Origem*					
Masculino	Rural					
	Urbana				2	1
Feminino	Rural	1	1	2	1	
	Urbana		1			3

*Zonas de origem dos sujeitos entrevistados. FONTE: Trabalho de Campo jan/fev/2017 ORG.: Tallison Rocha Lima, José Eudivan Alves da Silva.

Analisando o quadro 1, identifica-se alguns pontos importantes que merecem destaque. O primeiro desses é que a maior parte dos entrevistados é do sexo feminino, que decidiram além de suas motivações individuais, acompanhar parentes próximos mesmo em períodos diferentes. Essas em maioria, entre os anos 1970 a 2008 oriundas de zonas rurais, deixaram para trás também outros familiares. Perguntada sobre a motivação de seu deslocamento, F. B. C. nos responde: “Foi... vim tá com muitos anos... 1987. Acompanhei meu marido “né” mas ficou gente por lá ainda”. Por conseguinte, a outra parcela da população feminina articula seu processo de saída e chegada entre zonas urbanas em períodos num interstício recente. Em relação aos homens, os números não são tão expressivos quanto ao anterior, todavia saltam num quadro temporal contemporâneo (2000 a 2016). Percebe-se que ocorreu intensificação da migração urbano-urbano.

Quadro 2						
Distribuição dos migrantes respondentes por décadas (1970 a 2010)						
Bairro	Década	1970	1980	1990	2000	2010
	Zona*					
Seminário	Rural					
	Urbana		1		1	3
Vila Alta	Rural	1	1	2	1	
	Urbana				1	1

*Zonas de origem dos sujeitos entrevistados FONTE: Trabalho de Campo jan/fev/2017 ORG.: LIMA, Tallison Rocha: SILVA, José Eudivan Alves da.

O quadro 2 é construído a partir dos dois recortes espaciais de estudo: Bairro Seminário e Vila Alta. A maior parte dos que chegaram no Seminário são egressos de áreas urbanas. No segundo bairro, concentra-se grande maioria dos imigrantes vindos de zonas rurais. São exceções: uma comerciante de alimentos e legumes que retornou a este local depois de ter vivido sete anos no Estado de São Paulo e o segundo caso, um jovem comerciante natural do município de Jardim/CE.



Figura 2: Vista do bairro Vila Alta em Crato/CE. Google Earth 2016.

Os migrantes são considerados produtores e transformadores do espaço urbano. Corrêa (1989) elenca cinco agentes que (re)fazem o espaço urbano, a saber: os proprietários dos meios de produção; os proprietários fundiários; os promotores imobiliários; Estado e grupos sociais excluídos. A ação do Estado foi notável na produção do espaço nos bairros estudados. Ora mediante a implementação de vias de acesso ao principal centro comercial da cidade, ora através da revitalização da “encosta do Seminário”. As intervenções governamentais contribuíram para maior valorização do solo urbano. Fatores que fomentaram à implementação de novos estabelecimentos comerciais. No final do século XX a indústria calçadista Grendene se instalou nas adjacências dos bairros, esse foi mais um componente na alteração do tecido urbano para atender a demanda de acesso à Indústria.

O deslocamento populacional ao município do Crato se deu, *a priori*, em face a fuga da seca e a manifestações religiosas, geralmente atrelada a figura do Padre Cícero Romão Batista. A fixação dos “recém-chegados” no centro da cidade causou desconforto à elite local que os associava à doença, miséria e violência. Lévi-Strauss apud Bauman (2001) apresenta duas estratégias para enfrentar a alteridade dos outros. Uma delas é a *antropofágica*, que consiste em impedir o contato físico, o diálogo e a interação social. Os migrantes foram condicionados a se realocar em áreas periféricas como nos dois bairros que são objetos de estudo da nossa pesquisa. A chegada dos migrantes nessas localidades foi um importante fator na produção do espaço.

A produção deste espaço é, antes de mais nada, uma forma de resistência e, ao mesmo tempo, uma estratégia de sobrevivência. Resistência e sobre vivência as adversidades opostas aos grupos sociais recém expulsos do campo ou provenientes de áreas urbanas submetidas às operações de renovação [...] (CORRÊA, 1989, p. 30)

Utilizam serviços, interferem na dinâmica da cidade através de seus consumos, e ampliam suas redes de vizinhanças. Abrangendo a ideia de redes de sobrevivência, Gonçalves (1992, p.22) relaciona as formas de sobrevivência – e o comércio, trabalho se introduz como tal – ao ato de morar e de estabelecer vínculos de vizinhanças. Um comerciante pode se fixar num bairro e ter uma parcela de sua clientela residente em outras localidades. F.M. D. nos demonstra essa situação:

[...] Eu vendo pra muitas pessoas. Aqui vem gente tanto da Vila Alta pra comer e fazer pedidos de marmitas daqui como também vem gente do Grangeiro... Lameiro (bairros). É... vem muita gente de outros cantos. Até professores que ensinam numas escolas aqui próximo as vezes lancham, almoçam aqui.”

Mais da metade dos entrevistados (sete entre os doze, precisamente) se deslocou para o Crato com o objetivo de manter suas antigas ocupações profissionais ou de trabalho. E por isso consideram o comércio como principal fonte de renda, mesmo podendo exercer outros tipos de atividade remunerada. G. B. L. sintetizou sua resposta no que diz respeito às múltiplas opções de trabalho: "(...) eu sou graduada em matemática, inclusive prestei concurso para professora temporária da URCA. Mesmo assim o concurso me é secundário agora...O comércio, este é principal pra mim. Aposto minhas fichas neste negócio." No que se refere a caracterização dos informantes foi possível identificar diversificados produtos em estabelecimentos alugados ou próprios destes migrantes; são artigos eletrônicos, alimentícios e bebidas, distribuídos em restaurantes, bodegas, mercadinhos, lanchonetes, lojas e hortifrutigranjeiros, espalhados nos dois bairros.

Finalmente, constata-se que a população migrante encontrada nos recortes espaciais estudados declara satisfação no que diz respeito as inserções no local. Todos no mínimo declararam possuir ensino fundamental completo. As localidades de origem correspondem a municípios próximos: Jardim, Juazeiro do Norte, Várzea Alegre, Campos Sales, Farias Brito e Iguatu no Ceará até de unidades da federação como: Bahia e Pernambuco, este último responsável por um grande número de migrantes de localidades rurais. A partir destes pontos, pensa-se num migrante que produz o espaço comercial e urbano da cidade e, ao mesmo tempo, transforma as relações socioculturais. Com base nesses aspectos, foi possível criar mapas da mobilidade como produto cartográfico das entrevistas realizadas nos bairros Seminário e Vila Alta.



Fonte: Pesquisa direta, 2017 base cartográfica: *google earth*, 2016
 Organização: .: LIMA, Tallison Rocha: SILVA, José Eudivan Alves da.



Fonte: Pesquisa direta, 2017 base cartográfica: *google earth*, 2016
 Organização: .: LIMA, Tallison Rocha: SILVA, José Eudivan Alves da.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de investigar a dinâmica migratória, atrelada ao comércio enquanto segmentos de trabalho e forma de inserção na economia e sociedade da cidade do Crato enriqueceu os conhecimentos sobre a temática. Foi mediante essa via que os conhecimentos sobre mobilidade e força de trabalho se materializaram bem na fala dos informantes.

Constatou-se que a demanda de população é impulsionada quando o capital é a força motriz, embora as motivações declaradas sejam diversas. Esta leitura é melhor definida quando o migrante é visto num quadro histórico-estruturalista e não um sujeito dissociado, individualizado e até mesmo ahistórico. Ele faz parte de uma categoria macro, classe. Olga Becker (1997), Jean Paul Singer (1998) e Ester Rossini (1985) são autores que trazem luz a esta discussão, por exemplo. Para tanto os dados empíricos foram interpretados a partir das indispensáveis leituras dos autores que se debruçam sobre comércio: Heliana Comin Vargas (2001), Lincoln da Silva Diniz (2011) e Silvana Maria Pintaudi (2009).

Priorizou-se a entrevista na modalidade semiestruturada e individual com aqueles sujeitos que em anos diversos elegeram os bairros do Seminário e Vila Alta em Crato/CE como seus locais de moradia e trabalho. A consulta realizada com doze indivíduos na pesquisa no campo contribuiu para o encontro com ricas e interessantes experiências de vida. A importância da aproximação entre investigadores e sujeitos descrita nos estudos das pesquisadoras Paula Estevane Mendes e Juniele Martins Silva (2013) nos serviu como alicerce para a reflexão dos múltiplos contextos sociais e econômicos pelos quais estes migrantes se inserem. Outrossim estas contribuições alimentaram o “fazer pesquisa” e ler a realidade numa perspectiva mais aguçada.

Chamamos atenção ao longo deste trabalho que a maior parte dos contatados são do sexo feminino. São pessoas que se deslocaram em períodos distintos (1970 a 2016). O perfil etário se diversifica entre migrantes com vinte e seis anos até cinquenta e cinco anos de idade. Quanto aos objetivos alcançados nos seus novos locais de moradia/trabalho, grande parte declara inteira satisfação e pretende continuar seus planos de vida. Neste sentido, observa-se as relações de vizinhança, clientela e redes como positivos componentes destas inserções, inclusive para a continuidade no segmento do comércio. Mais da metade do contingente focalizaram no comércio como grande objetivo para trabalho.

Vila Alta e Seminário são dois bairros populosos. Os arruamentos e espaços públicos selecionados representam a larga expressão dos fluxos populacionais que ali visitam. São avenidas que dão acesso a outros bairros, municípios e instalações públicas e privadas (especialmente a Indústria de calçados Grendene e Encosta do Seminário). Identifica-se o fenômeno do deslocamento urbano-urbano no bairro Seminário e rural-urbano na Vila Alta.

O trabalho demonstrou grande potencialidade no que se refere a ampliação de nossa inserção no debate que relaciona migração e comércio. Não é pretensão nossa encerrar as discussões. O artigo se constitui como provocação e instigação para novas pesquisas como forma de construção de referencial teórico pertinente e o enriquecimento de dados qualitativos na pesquisa de campo. Concordamos com as palavras do sociólogo Cruz Neto (2002) ao afirmar que o campo é um meio para descobertas e novas criações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. Tempo/Espaço. In: _____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 107 – 149.

BECKER, Olga Maria Shild. Mobilidade espacial da população: conceitos, tipologia, contextos. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa e CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Explorações Geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p.319-367.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Cidade**. 9ª. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

COSTA, Maria Cristina Silva. Nós das Redes. **Travessia: Revista do Migrante, Publicação do CEM. – Centro de Estudos Migratórios**, São Paulo. Ano XIV, n° 40, maio-agosto 2001. p 25-27.

CORRÊA, Roberto Lobato. Quem produz o espaço urbano? In: _____. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1993. p 11-35

CRATO. **Lei Municipal N° 1853 – 25 de fevereiro de 1999**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Agencia Municipal).

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: DESLANDES, S.F.; GOMES, R.; MINAYIO, M: C de S. (Orgs.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21ª. Ad. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 51-66.

CUNHA, Maria Soares da. **Migrações Temporárias no Brasil**. Nota de aula de Geografia da População. Crato: URCA, 2004.

DAMIANI, Amélia Luiza. **A Geografia da população na Geografia “clássica”**. _____. População e Geografia. São Paulo: Contexto, 1991 (p. 47-76).

DINIZ, Lincoln da Silva. **As bodegas da cidade de Campina Grande: dinâmicas sócio-espaciais do pequeno comercio**. Campina Grande: EDUFPG, 2011, p. 9-22.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e entrevistas grupais. BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GAUDEMAR, Jean-Paul de. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital**. Lisboa: Editora Estampa, 1977, p. 181 – 211.

GOETTERT, Jones Dari. Paradoxos do lugar mundo: brasileiros e identidades. In: BOMTEMPO, Denise Cristina; SPOSITO, Eliseu Savério; SOUSA, Adriano Amaro de (orgs.). **Geografia e migração: movimentos, territórios e territorialidades**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p 15-36.

GONÇALVES, Alfredo José. Morar e Conviver. **Travessia: Revista do Migrante, Publicação do CEM. – Centro de Estudos Migratórios**, São Paulo. Ano V, nº 14, setembro-dezembro 1992. p 22-24.

GONÇALVES, Alfredo José. **Revista Travessia**. Publicação do Centro de Estudos Migratórios. São Paulo, Ano V, número 14, setembro-dezembro/1992.

IBGE, 2010. **Censo Demográfico de 2010**. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, dados referentes ao município de Crato-CE, fornecidos em meio eletrônico.

PINTAUDI, Silvana Maria. **Anotações sobre o espaço do comércio e do consumo**. In: CARRERAS, Cantes; PACHECO, Susana Maria Miranda (Orgs). **Cidade e Comércio – a rua comercial na perspectiva internacional**. Rio de Janeiro: Armazém das Letras, 2009.

PIRES, Elson L. S. Espaço de Reprodução do Trabalho Informal, Estado e Classes Sociais. **Travessia: Revista do Migrante, Publicação do CEM. – Centro de Estudos Migratórios**, São Paulo. Ano VI, nº 16, maio-agosto 1993. p 05-09.

ROSSINI, Rosa Ester. A população brasileira: trabalhar e sobreviver. In: **Revista do Departamento de Geografia**. São Paulo: USP. 1994. N.º 07. p 3-24.

SILVA, Juniele Martins; MENDES, Estevane de Paula P. Abordagem qualitativa e geografia: pesquisa documental, entrevistas e observações. MARAFON, Glaucio J.; RAMIRES, Julio César de L.; RIBEIRO, Miguel Angelo; PESSÔA, Vera L.S. **Pesquisa qualitativa em Geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 207- 221.

SINGER, Paul. **Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo**. In: *Economia Política da Urbanização*. São Paulo: Contexto, 1998, p. 29 - 139.

SOUZA, Murilo Mendonça Oliveira de; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. O trabalho de campo em Geografia: Por uma perspectiva participante de investigação científica. MARAFON, Glaucio J.; RAMIRES, Julio César de L.; RIBEIRO, Miguel Angelo; PESSÔA, Vera L.S. **Pesquisa qualitativa em Geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 173-190.

DAS ENTREVISTAS REALIZADAS

CARVALHO, Francisca Bezerra. **Francisca**: Entrevista. [jan. 2017]. Entrevistadores: SILVA, J. E. A. da.; LIMA, Tallison Rocha. Entrevista concebida para o artigo Migração e trabalho: O comércio como forma de inserção de migrantes nos bairros Seminário e Vila Alta em Crato/CE.

DUARTE, Francisca Meri. **Meri**: Entrevista. [jan. 2017]. Entrevistadores: SILVA, J. E. A. da.; LIMA, Tallison Rocha. Entrevista concebida para o artigo Migração e trabalho: O comércio como forma de inserção de migrantes nos bairros Seminário e Vila Alta em Crato/CE.

LIMA, Francisco de Assis Félix de. **Francisco**: Entrevista. [jan. 2017]. Entrevistadores: SILVA, J. E. A. da.; LIMA, Tallison Rocha. Entrevista concebida para o artigo Migração e trabalho: O comércio como forma de inserção de migrantes nos bairros Seminário e Vila Alta em Crato/CE.

LIMA, Deusivânia de Oliveira. **Deusivânia**: Entrevista. [jan. 2017]. Entrevistadores: SILVA, J. E. A. da.; LIMA, Tallison Rocha. Entrevista concebida para o artigo Migração e trabalho: O comércio como forma de inserção de migrantes nos bairros Seminário e Vila Alta em Crato/CE.

LISBOA, Graziela Brumoro. **Graziela**: Entrevista. [jan. 2017]. Entrevistadores: SILVA, J. E. A. da.; LIMA, Tallison Rocha. Entrevista concebida para o artigo Migração e trabalho: O comércio como forma de inserção de migrantes nos bairros Seminário e Vila Alta em Crato/CE.

SOUSA, Maria Aparecida de. **Aparecida**: Entrevista. [jan. 2017]. Entrevistadores: SILVA, J. E. A. da.; LIMA, Tallison Rocha. Entrevista concebida para o artigo Migração e trabalho: O comércio como forma de inserção de migrantes nos bairros Seminário e Vila Alta em Crato/CE.